



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Eixo Temático: Relações étnico-raciais, povos indígenas, povos e comunidades tradicionais e Políticas Sociais

O RACISMO ESTRUTURAL E A NECESSIDADE DO PAPEL DO PSICÓLOGO NEGRO COMO TUTELAR NA UNIVERSIDADE

Damaris Aracélia Gomes¹

Emily Macedo²

Resumo: A finalidade deste artigo é apresentar a problemática da falta de psicólogos negros na universidade, cujo objetivo é amenizar as dores psíquicas causadas pelo racismo. O trabalho foi elaborado a partir do referencial teórico-metodológico, além disso, foram realizadas entrevistas com alunos do curso de psicologia para tratar e discutir sobre a temática da questão racial a qual acarreta aos problemas mentais. Notou-se uma enorme lacuna na área profissional em relação aos números de psicólogos negros atuantes no instituto, tornando indispensável a necessidade da criação de meios que possibilitem a seleção dos mesmos no programa de apoio estudantil.

Palavras-chave: Racismo estrutural; Saúde mental; Inclusão; Psicologia.

Abstract: The purpose of this article is to present the problematic about of the lack of people of color in the university, wich the objective is soften the psychic pains caused by racism. The research work was elaborate by the theoretical-methodological reference, beyond that, interviews were conducted with students of psychology course to discuss the racial issues wich entails mental problems. It was noticed a huge gap on the professional area in comparisson of the numbers of people of color who is psychologists and are ative on academic institutes, making it necessary to create means to select them in the student support program.

Keywords: Structural Racism; Mental Health; Inclusion; Psychology.

¹ Estudante de Direito na Universidade Estadual de Londrina – email: damaris.aracelia.gomes@gmail.com

² Estudante de Direito na Universidade Estadual de Londrina – email: emilydireitouel@outlook.com



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a exploração do tema “O racismo estrutural e a necessidade do papel do psicólogo negro como tutelar na universidade”, que parte da indispensabilidade do aluno negro da universidade em ter um apoio psicológico, tratando-se do sofrimento psíquico causado pelo racismo em sua vida acadêmica. O trabalho irá discutir sobre o racismo estrutural, sendo esta uma forma de violência reproduzida no corpo social não na sua forma direta, mas sim de modo institucional e cultural como também irá problematizar a falta de psicólogos negros na universidade, abordando autores como Silvio Almeida e Maria Lúcia com seus grandes exemplares sobre o assunto apresentado. Antes de iniciarmos a discussão sobre a necessidade do psicólogo negro como reparador do sofrimento psíquico causado por questões raciais, será feita uma breve contextualização histórica sobre a escravidão e os seus efeitos causados na população negra que perpetuam até os dias de hoje.

Desse modo, analisando o racismo não apenas como um problema para saúde física, mas também psíquica, ele deve, necessariamente, passar a ser um problema de saúde pública, que requer proposições de políticas públicas que garantam o bom desenvolvimento psíquico e social da população negra, fazendo com que estudantes e profissionais se sintam acolhidos e identificados. Um meio para isso é o atendimento psicológico realizado por um profissional negro, que entenda abertamente as dificuldades diárias sofridas da coletividade negra, garantindo um acolhimento ainda mais eficaz.

A pergunta é: por que o estudante necessita de um apoio psicológico? Esta é uma questão que pode facilmente ser respondida. Com o surgimento da vida acadêmica, muitos fatores como a ausência familiar, adaptação ao novo ambiente e até mesmo o início da carreira profissional, podem acarretar problemas psíquicos, como ansiedade e depressão. Quando falamos da população negra dentro das universidades, onde o número de alunos é extremamente inferior, a falta de identificação e acolhimento acabam se tornando um problema, causando impasses ainda maiores. Segundo a psicóloga Maria Lúcia, a população negra vive em um incessante sofrimento mental devido às condições de vida



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

precárias atuais e, por outro, à impossibilidade de antecipar melhor seu futuro, sendo esta, uma experiência vivida pela pessoa alvo do racismo. Ao falarmos da questão acadêmica, o aluno negro precisa lidar com essa realidade, pois o racismo deixa marcas que precisam ser sanadas, por isso a necessidade do papel do psicólogo negro dentro das universidades seria crucial para auxiliar na auto identificação do indivíduo negro, contribuindo em um processo de aceitação, acolhimento e identificação, donde um profissional branco não iria considerar a questão racial como algo relevante. O indivíduo que busca ajuda profissional, não espera que o profissional duvide de seus problemas, mas sim, que o auxilie a lidar com a dificuldade que ele enfrenta, não podendo ignorar ao fato de que o racismo é uma variável e como a representação pode impactar na vida de um aluno que está em processo de formação. Dessa forma, torna-se visível a necessidade de uma inclusão específica para o programa de apoio estudantil na saúde mental, pois irá transformar o ambiente em um centro acadêmico ainda mais propício para a construção de novos psicólogos negros, permitindo assim a sua inserção, além de possibilitar aos alunos uma assistência na saúde psicológica que acolha e seja abrangente na problemática dos assuntos sobre as questões raciais. Essas novas formas de representação e entendimento da negritude podem contribuir para a positivação da autoestima e da identidade étnico racial, não só para aqueles que são alvo do racismo, mas também para os demais, para que assim, possam entender as representações que são construídas e dessa forma haver uma conscientização por parte delas.

Tendo em vista essa questão do estudante procurar por um psicólogo negro, que sofreu com racismo e assim poder acolhê-lo e ouvi-lo, de maneira diferente da que um psicólogo não negro faria, por sua falta de contato com essa realidade, faz muito sentido, pois assim, o profissional poderá fazer intervenções direcionadas ao fortalecimento e resistência daquele paciente com relação ao racismo e com isso, causar impactos e mudanças na vida do estudante que procura essa questão de ordem identitária e de constituição de subjetividade.



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

**O RACISMO ESTRUTURAL E A NECESSIDADE DO PAPEL DO
PSICÓLOGO NEGRO COMO TUTELAR NA UNIVERSIDADE**

Ainda que a sociedade brasileira seja composta majoritariamente pela população negra, o racismo existe de diversas formas, seja ele de modo explícito ou amainado. De acordo com as ideias de Silvio Almeida em sua obra “o que é racismo estrutural?”, a negação do racismo tende a se perpetuar com o mito da democracia racial, sendo esta aperfeiçoada e sustentada pela teoria da meritocracia. Tal conceito apenas auxiliou a manutenção da desigualdade racial. Sendo assim, para o autor o racismo estrutural é uma forma de violência reproduzida no corpo social não na sua forma direta, mas sim de modo institucional e cultural.

Os poucos estudantes negros no espaço acadêmico reforçam um retrato que há muito se instaurou, onde o ambiente de estudo é composto majoritariamente por brancos, e, quando paramos para analisar, na área da saúde isso se evidencia ainda mais. Como demonstra Gonçalves, em seu estudo “A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra”, onde coloca que as universidades se constituem e se consolidam como espaços institucionais brancos, não compreendendo a necessidade de reparar tal desigualdade. Segundo o autor Carvalho, escritor supracitado por Gonçalves, fundamenta que “foi justamente desse ambiente segregado que saíram todas as teorias que negam a existência de segregação racial no Brasil”. Gonçalves ainda explica que, na última década houve uma certa expansão do ensino superior público e privado no país onde a universidade conseguiu acolher uma parcela mais heterogênea da população brasileira. No entanto, a análise dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrou que essa expansão educacional apresentou desproporções, principalmente no que tange o quesito racial. O percentual de negros no ensino superior triplicou no período de 10 anos: passou de 10,2%, em 2001, para 35,8%, em 2011. Contudo, essa amplificação não o foi suficiente para alcançar a mesma proporção apresentada pelos jovens brancos, que dez anos antes era de 39,6% e em 2011 atingia



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

65,7% do total, ou seja, o ambiente acadêmico em geral ainda continua predominantemente branco.

Segundo a autora e psicóloga Maria Lúcia da Silva em “Racismo e os efeitos na saúde mental”, um dos exemplares nacionais sobre o tema, afirma que a grande maioria da população negra vive em incessante sofrimento mental devido, por um lado, às condições de vida precárias atuais e, por outro, à impossibilidade de antecipar melhor seu futuro. A autora apresenta inúmeros sintomas físicos e psíquicos decorrentes da condição “de tensão emocional, de angústia e de ansiedade, com rasgos momentâneos dos distúrbios de conduta e do pensamento” (p.130), uma experiência vivida pela pessoa alvo do racismo, sendo tal condição constante a causadora de certos transtornos na quais seriam a taquicardia, hipertensão arterial, úlcera gástrica, ansiedade, ataques de pânico, depressão, dificuldade de se abrir, ataques de raiva violenta e aparentemente não provocada, comprometimento da identidade e distorção do autoconceito, em síntese, para a autora a exposição cotidiana a situações humilhantes e constrangedoras pode desencadear inúmeros processos desorganizadores dos componentes psíquico e emocional (Silva, 2005). O negro não encontra exemplos positivos para se identificar nesse processo de construção da identidade e isso produz uma subjetividade que diminui suas chances de mobilidade e prejudica sua saúde psíquica, já que há sempre uma ideia negativa sobre si mesmo.

Dessa forma, analisando o racismo não apenas como um problema para saúde física, mas também psíquica, ele deve, necessariamente, passar a ser um problema de saúde pública, que requer proposições de políticas públicas que garantam o bom desenvolvimento psíquico e social da população negra, fazendo com que estudantes e profissionais se sintam acolhidos e identificados. Um meio para isso é o atendimento psicológico realizado por um profissional negro, que entenda abertamente as dificuldades diárias sofridas, garantindo um acolhimento ainda mais eficaz.

Antes de iniciarmos uma discussão sobre o sofrimento psíquico da população negra causada pelo reflexo do racismo e em consequência a importância do psicólogo negro como



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

reparador desta, é necessária uma contextualização histórica para o melhor entendimento da situação.

De acordo com o trabalho realizado por Carlos Sobral Corllet em sua pesquisa sobre a contextualização histórica da vida dos negros no Brasil, sabe-se que foi no século XVI em que as populações negras chegaram ao Brasil, principalmente na zona litorânea e com grande concentração nas regiões Nordeste e Sudeste, trazidos ao Brasil para substituir a mão-de-obra indígena em tempos coloniais, cujo principal objetivo era de realizarem trabalhos como os de engenho de açúcar. A população negra era trazida da África contra a vontade, sendo exposta de maneira animalésca e submetida a trabalhos excessivos e demais atividades que os senhores exigiam. “Embora não existisse consenso entre os estudiosos sobre a data de desembarque dos primeiros africanos no Brasil, esses desembarques passaram a ser mais constantes à medida que se explica a cultura canavieira [...]” (Valente - 1987, p. 10)

Além do excesso de trabalho a que eram submetidos, Valente, autor supracitado por Corllet, afirma que também havia a violência sexual dos senhores contra as escravas, assim como havia os açoites, grilhões e a atribuição de qualidades negativas aos negros, formando um conjunto de ações brutais para a dominação e subjugação dos escravos. As relações forçadas entre os escravos e os senhores causou, de modo consequente, uma miscigenação, pois os filhos gerados dessa relação violenta eram de pele mais clara, porém, ainda assim esses filhos eram considerados escravos. Segundo o autor supracitado, foi a partir desses estupros que se iniciou o processo de miscigenação no Brasil. No entanto, na tentativa de impedir qualquer iniciativa dos negros de mudarem a sua situação de escravos, os senhores recorriam à serventia do catolicismo, a fim de que, catequizados se acomodassem à situação de opressão. Os valores religiosos eram impostos aos negros no instante em que eles embarcavam da África, e ao chegarem à terra nova, todos eram batizados, isto é, além de dominada e usada enquanto força de trabalho com motivações financeiras, também foi uma população subjugada e desumanizada de maneira proposital, visando tornar essas pessoas uma espécie de máquina, sem vínculos familiares, religiosos



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

ou culturais. Dessa forma, os negros lutavam para manter e conservar os seus valores, no qual os senhores tencionavam em substituir por valores brancos.

Foi apenas em 1888, com a criação da Lei Áurea assinada pela princesa Isabel que a escravidão foi abolida no Brasil, desde então o negro ficará liberto, no entanto, não tinha como sobreviver, pois, mesmo com a sua liberdade, eles não deixaram de sofrer em sociedade, uma vez que mesmo “libertos” da escravidão, foram simplesmente jogados no meio social, sem nenhuma condição financeira, emocional e/ou física de se estruturarem. Mesmo tempos depois, já no século XX, os negros ainda sofriam com questões como a baixa ascensão econômica, segregação social por decorrência de sua história escravocrata e a pouca influência do governo com relação a políticas de inclusão, entre as demais questões que se arrastam na sociedade até hoje. A escravidão acabou gerando uma ideologia na qual a condição do negro proporcionava uma postura de inferioridade. Esse apanhado histórico acaba delineando aquilo que chamamos de racismo estrutural.

Por meio dessa desapropriação da população negra, pode-se dizer que houve um esvaziamento subjetivo do homem negro que acabou perdendo a sua história e conseqüentemente a sua humanidade. Com isso, o racismo pode ser entendido como uma manifestação sociocultural, esquematizada que privilegia pessoas brancas em detrimentos das pessoas negras. O impacto dessas experiências na subjetividade de pessoas negras são imensas, sendo frutos dos reflexos de vivências racistas.

Levando em consideração todos esses aspectos com a relação histórica da população negra no Brasil, qual seria então a importância de um psicólogo negro no processo psicoterápico do indivíduo negro, principalmente na universidade?

Uma pesquisa feita na Universidade Estadual de Londrina com acadêmicos negros do curso de Psicologia, revelou que o espaço profissional de atendimento da proteção da saúde mental dos alunos é predominantemente branco. A abordagem foi desenvolvida com questões sobre a problemática do impacto do racismo em relação a vida individual do estudante, além da hierarquia racial dentro da vida acadêmica dos discentes. Os alunos apontaram o problema como algo histórico, sendo um espaço notavelmente discrepante em relação ao tema racial. Ainda que a Universidade tenha aderido ao sistema



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

de cotas, não há nenhum tipo de política de permanência que incentive o aluno academicamente no quesito psicossocial de modo característico.

Existe, desta maneira, uma imensa necessidade em buscar outras estratégias de permanência que possibilite uma discussão qualificada sobre a questão racial e o enfrentamento das desigualdades, pois é um ponto onde a violência e os sofrimentos psíquicos não deveriam ser ignorados. A pergunta é: em qual momento estudantes e profissionais negros na área da saúde deixarão de ser uma raríssima exceção no corpo acadêmico? Uma grande parcela da população negra que tem transtorno mental está destinada a ser tratada por profissionais que ignoram toda a violência racista e demais condições estruturantes desses indivíduos. Natália, aluna do quinto ano do curso de Psicologia na UEL afirma que, “ser negro na periferia é extremamente comum, porém, na universidade é ser apenas mais um negro”, e que, já teve tratamentos psicológicos na Universidade por profissionais apenas brancos que, declaradamente não compreendiam o racismo como uma variável ou algo relevante.

Quando um indivíduo negro procura um psicólogo também negro, o faz por identificação, isto é, esse indivíduo julga que um psicólogo, negro como ele próprio, saberá ouvir e acolher melhor a sua queixa, do que um psicólogo não negro. No entanto, isso não significa que um psicólogo não negro não tenha amparo teórico, técnico ou experiência suficiente para desenvolver um trabalho de qualidade com pessoas negras, mas sim, no que diz respeito a demanda racial, o psicólogo não negro, devido à falta de contato com esse conteúdo ou vivência, pode deslegitimar o discurso do paciente negro sobre a implicação do racismo na sua vida, que por sua vez, pode colocar esse indivíduo em uma posição de sofrimento ainda maior. Esse é um aspecto que pode parecer pequeno ou até mesmo segregacionista, mas que de fato não é. A falta de psicólogos negros na Universidade é uma questão levada em consideração por pessoas negras que buscam o apoio psicológico, uma vez que, o problema está exatamente na invisibilidade do tema.

Ainda assim, é importante ressaltar que é possível que psicólogos não negros contribuam no desenvolvimento e no processo psicoterápico de pessoas negras, desde que, esse profissional consiga realizar suas intervenções sem deslegitimar a fala de seu



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

paciente. Os psicólogos levam em consideração diversos fatores de risco para a saúde mental, mas, o questionamento a ser considerado é: por que não fazer o mesmo com o racismo? Eles podem não ter consciência da importância desse assunto, mas ainda assim não deixa de ser uma negligência. É importante atuar e agir de maneira não racista, em um movimento que vai do reconhecimento à desconstrução de preconceitos. E é exatamente esse o motivo da pesquisa: provocarmos uma reflexão para que a invisibilidade deste tipo de violência não perdure também na psicologia, para que os profissionais compreendam melhor essa temática e possam realmente auxiliar os estudantes sem pressupor que o sofrimento decorrente do racismo é um exagero. O problema está exatamente na invisibilidade do tema.

Dentre os aspectos apresentados, pode-se observar a necessidade de profissionais negros na área da psicologia dentro do meio acadêmico, objetivando uma maior inclusão, possibilitando, desta forma que a população negra se sinta acolhida e representada de modo que, possam permanecer dentro da universidade. A ausência de fatores como a familiar, academicista e até mesmo a sentimental, também contribuem para a má formação pessoal e profissional do aluno negro, que por si só se sente deslocado no ambiente acadêmico. Posto isso, o acolhimento da coletividade negra será tratado de uma maneira ampla onde o psicólogo possa auxiliar e reparar os danos psíquicos causados pelo sofrimento racial, cuja principal causa se dá pela falta de identificação e certas circunstâncias que afetam o seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Uma medida viável onde o assunto sobre o sofrimento psíquico provocado pelo racismo que poderia ser tratado de maneira consciente, (ainda que existente) seria um programa de apoio ao acesso de permanência para a formação do estudante que visa a saúde mental dos alunos de forma ampla, isto é, um programa que possibilite a seleção de psicólogos negros, fazendo com que haja um equilíbrio na instituição. Como pôde ser visto, o número de psicólogos negros na Universidade Estadual de Londrina de fato é inexistente, o que é um problema para uma assistência na saúde psicológica da população negra, dessa forma, é visível a necessidade de uma inclusão específica para o programa de apoio estudantil na saúde mental, pois irá transformar o ambiente em um centro acadêmico ainda



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS**

III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

mais propício para a construção de novos psicólogos negros, criando meios que possibilitem a inserção do profissional negro no instituto, além de oferecer aos alunos uma assistência na saúde psicológica que acolha e seja abrangente na problemática dos assuntos sobre as questões raciais.

Portanto, com este estudo, foi possível compreender a importância do ambiente acadêmico em buscar e, conseqüentemente, contribuir na superação das ideias que inferiorizam e estigmatizam os negros, construindo novas formas de representações sociais em sua atividade acadêmica. Essas novas formas de representação e entendimento da negritude podem contribuir para a positivação da autoestima e da identidade étnico racial, não só para aqueles que são alvo do racismo, mas também para os demais, para que assim, possam entender as representações que são construídas e dessa forma haver uma conscientização por parte da população branca.

No entanto, para que se torne possível a execução de um projeto de democratização e de igualdade, é preciso haver o reconhecimento do valor das diferenças. Tendo em vista a complexidade e, considerando-se o vasto caminho ainda a ser percorrido, ressalta-se a importância desta universidade incluir em sua agenda a promoção de estratégias que atuem na possibilidade da criação de meios que possam incluir o psicólogo negro para o atendimento profissional na área da saúde mental, com o intuito de garantir o fortalecimento da identidade étnico racial dos estudantes negros, bem como na sua reparação dos danos psíquicos provocados pela segregação racial.



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS
III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CORLETT, Carlos Kleber Sobral. UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA VIDA DOS NEGROS NO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DA LEI 10.639/03. - Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

GONÇALVES, Renata; AMBAR, G. A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. Lutas Sociais (PUCSP), v. 19, p. 202, 2015.

SILVA, M. L. (2005). Racismo e os efeitos na saúde mental. In: L. E. Batista, S. Kalckmann (Orgs.), Seminário saúde da população negra do Estado de São Paulo 2004 (pp. 129-132). São Paulo, SP: Instituto de Saúde.

VALENTE, Ana Lúcia E. J. Ser negro no Brasil hoje. 9. Ed. São Paulo: Moderna, 1987.